

# Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 209  
29 de junho de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.  
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.  
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Nós temos um texto de René Guénon [para a aula de hoje], mas antes gostaria de ler um artigo que escrevi para o *Diário do Comércio* e que é muito pertinente àquilo tudo que estamos fazendo aqui. Vou ler com comentários mínimos. O artigo chama-se “Alguém e ninguém”.<sup>1</sup>

Tentando justificar a ausência de escritores liberais e conservadores na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) deste ano, assim se pronunciaram seus mais destacados representantes:

Miguel Conde, curador: "Não acho que escritores associados à direita sejam numerosos. Tenho até dificuldade em pensar em nomes."

Sérgio Miceli, membro da principal mesa de debates: "Bons pensadores à direita são peça rara no País."

Milton Hatoum, conferencista encarregado da palestra de abertura do evento: "A maioria dos escritores no Brasil é de esquerda. De escritor importante no Brasil, não me lembro de nenhum de direita."

Dada a relevância dos personagens, não creio exagerar ao supor que suas opiniões e seu nível de cultura exemplificam a média dos participantes, excetuada a hipótese, hedionda mas plausível, de que ela vá daí para baixo.

Nesse sentido, a FLIP é a mais espetacular amostra viva da completa destruição da alta cultura no País, substituída pela tagarelice autopromocional de usurpadores e carreiristas ineptos, barbaramente incultos e infinitamente presunçosos, cuja sobrevivência no cenário intelectual se deve tão e somente a três fatores: (1) proteção governamental, (2) interbadalação mafiosa, (3) implacável, sistemática e preventiva exclusão dos adversários reais e possíveis.

O fator 3 vem sendo aplicado nesse País com tal perseverança, que acabou por moldar a cabeça dos seus mesmos praticantes. Primeiro eles se recusam a falar de um autor, depois concluem, do seu próprio silêncio, que ele não existe mesmo. A regra áurea que seguem no seu grotesco arremedo de vida intelectual é o *argumentum ad ignorantiam*: “Tudo aquilo que não sei ou esqueci é inexistente, nulo ou irrelevante.”

Os três citados mostraram mais ignorância da cultura brasileira do que se poderia tolerar – mas não aprovar – em alunos de ginásio.

---

<sup>1</sup> <http://www.olavodecarvalho.org/semana/130702dc.html> (há algumas diferenças entre o artigo efetivamente publicado pelo Prof. Olavo de Carvalho e a leitura feita em aula)

Não vou discutir com esses palhaços. Vou fornecer ao leitor um breve mostruário daquilo que eles, tomando a sua própria ignorância como medida da realidade, dizem ser inexistente ou quase.

Eis aqui, colhidos a esmo, uns poucos nomes de escritores e outros intelectuais brasileiros de ontem e de hoje, todos de primeiríssima ordem e mais do que consagrados (muitos internacionalmente), tidos como "de direita", seja por eles próprios, seja por seus detratores esquerdistas: Afonso d'Escragnoille Taunay, Alberto Oliva; Ângelo Monteiro; Antônio Olinto; Antônio Paim; Arthur César Ferreira Reis; Augusto Frederico Schmidt; Bruno Garschagen; Bruno Tolentino; Carlos Lacerda; Cornélio Penna; Demétrio Magnoli; Denis Rosenfield; Diogo Mainardi; Dora Ferreira da Silva; Eduardo Gianetti da Fonseca; Eduardo Prado; Eugênio Gudin; Gerardo Mello Mourão; Gilberto de Mello Kujawski; Gilberto Freyre; Gustavo Corção; Heitor de Paula; Heraldo Barbuy; Ignácio da Silva Telles; Irineu Strenger; Ives Gandra da Silva Martins; João Camilo de Oliveira Torres; João de Scantimburgo; Joaquim Nabuco; Jorge Caldeira; José Américo de Almeida; José Guilherme Merquior; José Osvaldo de Meira Penna; Josué Montello; Júlio de Mesquita Filho; Leonardo Prota; Leonel Franca (Pe.); Lúcio Cardoso; Luís Viana Filho; Luiz Felipe Pondé; Machado de Assis; Manuel Bandeira; Maria do Carmo Tavares de Miranda; Maria José de Queiroz; Mário Ferreira dos Santos; Mário Guerreiro; Mário Vieira de Mello; Maurílio Penido (Pe.); Miguel Reale; Milton Campos; Nelson Rodrigues; Nicolas Boer; Octavio de Faria; Oliveira Lima; Oliveira Vianna; Otto Maria Carpeaux (primeira fase); Paulo Francis (segunda fase); Paulo Mercadante; Paulo Ricardo de Azevedo (Pe.); Pedro Calmon; Percival Puggina; Plínio Barreto; Rachel de Queiroz; Reinaldo Azevedo; Renato Cirell Czerna; Ricardo Velez Rodriguez; Roberto Campos; Roberto Fendt Júnior; Rodrigo Gurgel; Romano Galeffi; Roque Spencer Maciel de Barros; Ruy Barbosa; Vicente Ferreira da Silva; Vilém Flusser e Wilson Martins.

Faço a lista no improvisado e de memória, porque tenho alguma e porque estudei. Os anões da FLIP não sabem nada; não são intelectuais exceto no sentido muito elástico e gramsciano do termo, isto é, agentes de organizações de esquerda encarregados de "ocupar espaços" na mídia, nas universidades e no movimento editorial e ali abrir vagas para os seus parceiros de militância, vetando o acesso de candidatos politicamente indesejáveis.

O establishment esquerdista recompensa-os generosamente, ao ponto de induzir cada um deles à ilusão de que é mesmo – como diria Léon Bloy – "aquilo que se convencionou chamar de alguém" — e de que tudo o mais é apenas um vasto ninguém.

Mais que um simples escândalo literário e editorial, a FLIP deste ano é um delito de malversação de dinheiro público do governo do Rio de Janeiro, da Embratel, da Petrobras e da Eletrobras. Pessoas que desconhecem a cultura brasileira não têm nenhum direito de representá-la e de ser subsidiadas para isso pelos já tão espoliados e exaustos contribuintes. A FLIP não é um acontecimento da esfera intelectual, é só mais um episódio banal da corrupção avassaladora que tomou conta deste país.

No fim do artigo, eu coloco uma nota:

Assinalo aqui, de passagem e com imensa tristeza, o recente falecimento de um queridíssimo amigo, o escritor e filósofo Paulo Mercadante, uma das inteligências mais lúcidas e produtivas que este Brasil já conheceu e que hoje desconhece graças aos Micelis, Hatoums e Condes.

Comunista na juventude, Paulo rompeu com o Partido após a denúncia dos crimes de Stálin por Nikita Kruschev em 1956, e formou, com Antônio Paim e outros, o núcleo do que viria a ser a corrente liberal do pensamento brasileiro nas décadas seguintes.

Paulo Mercadante foi o homem mais gentil, bondoso e generoso que conheci, além de ser o autor de pelo menos um clássico indiscutível (A Consciência Conservadora no Brasil) e de notáveis ensaios filosóficos, os quais pairam muitas léguas acima das cabecinhas da FLIP.

A coisa chegou ao nível da criminalidade pura e simples. É justamente para corrigir isso que estamos aqui nos preparando. Eu tenho pedido a vocês para que não participem de debates, não publiquem muita coisa e permaneçam mais ou menos discretos para ter a certeza de que, quando publicarem uma coisa, será algo de sólido e infinitamente superior a esta porcariada que Micelis e Hatoums estão fazendo. Isto chegou ao ponto do absolutamente intolerável. Essa gente tem de ser varrida da vida intelectual – não pelos métodos que eles usam: boicotar, sonegar empregos e publicações ou fazer cortina de silêncio, mas pelo método da sua total desmoralização pública. Não a desmoralização ideológica, mas por inépcia. O sujeito não disse que é contra escritores de direita, mas disse que eles não existem, que pensadores de direita no Brasil são raríssimos. Como raríssimos, se são os melhores e são a maioria?

O proletariado, a ralé universitária, realmente, pode ser de esquerda, como de fato é. Mas, eles não podem julgar a história cultural do Brasil por eles mesmos. Basta abrir qualquer história literária do Brasil; basta abrir o livro do Wilson Martins, *A história da inteligência brasileira*, para ver quem são essas pessoas. Ou procurar na Academia Brasileira de Letras a lista dos acadêmicos de todos os tempos. Ainda, para encontrar intelectuais de direita, busque a história da UDN, por exemplo, e verá nomes como José Américo de Almeida ou Gilberto Freyre – que são clássicos do modernismo nordestino [00:10]. E verá o nome de gente que não acaba mais. O maior poeta que o Brasil já teve – Manuel Bandeira – era nitidamente conservador e anticomunista. Como é que o sujeito vai dizer que não lembra [de nomes da direita], que não sabe de nada?

Eu não os estou questionando do ponto de vista político; não estou dizendo que eles fizeram a hegemonia esquerdista. Talvez nem tivessem a intenção de fazer, neste evento, uma hegemonia esquerdista, [a questão] é que eles não conhecem [a cultura] mesmo. Eles acham, piamente, que aquilo que eles não conhecem não existe: isso é uma prova de inépcia. Se o sujeito dá essa prova de inépcia, então receber dinheiro para ocupar esse cargo e encabeçar essa festa literária é desvio de dinheiro público. O sujeito deve ser tirado de lá a pontapés. É justamente para isso que estou treinando vocês, para que amanhã ou depois ocupem os lugares desses canalhas. Isso não pode continuar assim; chegou ao ponto da total calamidade.

Algumas pessoas que estavam lá até discutiam a coisa, mas discutiam do ponto de vista ideológico, [dizendo] que os conservadores também tinham de estar representados [na Flip]. Mas estavam discutindo com pessoas que sequer sabem que eles existem. Como é que eles vão convidar pessoas que desconhecem? E desconhecem até historicamente. O Milton Hatoum chega a dizer que comenta-se que Nelson Rodrigues era de direita, mas que ele não acredita, porque durante a ditadura militar Nelson Rodrigues se esforçara para libertar presos políticos. Metade da direita se esforçou para isso. Heráclito Sobral Pinto, por exemplo, era um conservador católico, assistia à missa, confessava e comungava todo dia – odiava comunista e vivia tirando comunista da cadeia. Gilberto Freyre deu abrigo a comunistas fugidos no Instituto Joaquim Nabuco. A direita fez isso o tempo todo, eles é que não fazem.

Cite-me um caso de direitista perseguido e que foi protegido pela esquerda. Isto nunca acontece. Esses camaradas da esquerda nunca têm um olhar de humanidade para ninguém que seja seu inimigo político. O inimigo político para eles é coisificado, é uma coisa, um monstro. Eles não lêem, não querem saber, não querem ouvir, porque daí terão de dar estatuto de humanidade [aos inimigos políticos]. Nelson Rodrigues não apenas era um homem da direita (ele claramente se definia assim), era também francamente anticomunista e o sujeito que ele se esforçou para tirar da cadeia era um parente dele. Houve muita gente, naquela época, que se esforçou para proteger comunista fugido. Antônio Olinto, por exemplo, vivia abrigando os comunistas na embaixada do Brasil na Inglaterra, arriscando o seu próprio emprego ali. Depois, cuspiram na reputação do Olinto

quando voltou ao Brasil. Antônio Olinto, cujos livros são traduzidos em trinta e duas línguas, é um clássico universal. No artigo, escrevi os nomes que eu lembrava na hora, mas há muitos nomes que esqueci. Eu estava fazendo a lista e esqueci o Gustavo Corção. Foi a Roxane que me lembrou disso agora.

É uma coisa absolutamente intolerável. Se eles dissessem que excluíram [os escritores de direita] porque ali são todos comunistas e não querem reacionários, seria mais digno que essa exibição de ignorância. Eles têm o direito à tomada de posição — se bem que não têm o direito de usar dinheiro público para fazer discriminação ideológica —, e esta seria menos grave do que essa confissão de ignorância que justifica medidas judiciais. Não é mais questão de debate intelectual, isso é crime. Estão nomeando as pessoas mais ignorantes para representar a cultura brasileira. E isso, evidentemente, é fraude.

Dito isto, passemos ao texto de René Guénon que, de uma maneira longínqua e indireta, deve contribuir também, de algum modo, para a compreensão da situação mundial e brasileira. Antes de lê-lo quero dar-lhes certa retaguarda. Ao longo da minha vida, eu fui participando, de um modo ou de outro, de vários movimentos sociais e culturais que marcavam a época e que mostravam um leque das alternativas que existiam. Eu passei pela esquerda, pela militância comunista. Passei por uma fase de muito interesse na psicanálise, não apenas lendo, mas me submetendo pessoalmente à análise — pelo menos para saber como que é. Fiz umas oito durante algum tempo e nenhuma serviu para nada; ou melhor, serviram para fins de cultura geral. Como o curso de teatro que fiz com Eugênio Kusnet — que me achava o pior aluno —, eu não queria ser ator, era apenas por cultura geral. Psicanálise foi a mesma coisa: eu não queria ser psicanalista, só queria saber como era.

Depois veio aquele movimento da Nova Era, esoterismo, ocultismo, astrologia, alquimia etc. Houve um período em que me aprofundi na questão do Islam e das doutrinas ditas tradicionalistas, René Guénon etc. E à medida que eu ia passando por essas coisas, sempre entrava com intuito experimental, de não dizer nem que sim, nem que não; de me abrir a essa influência porque não tenho medo de ser contaminado; não sou uma alminha pura que tem de viver numa redoma e dizer que não quer contato com o erro nem de longe. Ora, já estamos expostos ao erro, até quem está no Vaticano ou dentro de um mosteiro. Não adianta eu ter essa atitude de preservação. Tenho de entrar e deixar-me influenciar honestamente para que, se houver alguma coisa errada, não seja culpa minha por interpretar ou executar a coisa errada, mas que o erro venha da sua própria origem.

Entrei de coração aberto, mas resguardando a possibilidade de que aquilo tudo pudesse estar errado ou ser limitado e de que devesse ser superado mais dia ou menos dia. Passei por todas essas coisas exatamente com este espírito. Então, mesmo quando não acreditava muito, aceitava, no espírito do que dizia Leibniz: ele concordava com tudo que ele lia. Vou concordar com tudo que estão ensinando e, se for errado, veremos no devido tempo o erro, que ele apareça por si, sem que eu fique escarafunchando para buscá-lo. Todas essas experiências foram libertações não traumáticas. Não é como o sujeito que entra num negócio e aposta nele tudo o que tem, depois se desilude, fica revoltado, indignado e com ódio. Não foi nada disso, foi tranquilo. Eu entrei ali porque quis, para saber como era. Queimeei as pontas dos dedos, mas dizem que a curiosidade matou o gato. Então, eu queria saber e paguei o preço para saber.

Não estou acusando e nem estou bravo com ninguém. Só que depois eu vou tentar explicar essas minhas experiências, contá-las de uma maneira analítica e crítica — sem má vontade, ódio ou coisa nenhuma — para abreviar o tempo de experiência de outras pessoas que venham depois. Coisas que levei trinta anos para aprender, vocês podem levar três. Se quiserem até se submeter à experiência, submetam-se, mas não vão fazê-lo à mão livre, já estão com a régua e o compasso. A coisa vai dar

menos trabalho, evidentemente, e vai trazer menos riscos porque, em cada uma dessas experiências, eu arrisquei o meu equilíbrio, a minha saúde mental, meu bolso e, em alguns casos, até a minha vida. Mas, como diria Jânio Quadros: fi-lo porque qui-lo. Eu queria realmente saber, paguei o preço e não estou reclamando de absolutamente nada.

Eu me lembro, por exemplo, de um cidadão que passou pela organização de Frithjof Schuon – que já estava nos Estados Unidos naquela época. Aconteceu um problema lá dentro, depois eu soube que o cidadão estava tendo um caso com uma das esposas de Schuon e foi expulso da organização. Saiu revoltadíssimo, virou marxista e começou a interpretar tudo aquilo como fascismo. Um dia passou em casa para pedir minha adesão a um movimento contra Schuon; felizmente eu não estava em casa porque eu tê-lo-ia mandado tomar naquele lugar. Eu não fiz nenhuma patifaria com Frithjof Schuon, mas ele fez uma comigo e muito feia. Mesmo assim, eu tenho menos raiva do Schuon do que aquele cidadão tem. É aquele famoso ditado: perdoamos aquelas pessoas que nos prejudicam, mas não perdoamos aqueles a quem nós prejudicamos. Era um caso de ressentimento doentio, maligno, malicioso. Esse sujeito continuou espalhando coisas pela Internet, foi ele quem começou aquela história de que Schuon havia sofrido uma acusação de pedofilia – e fizeram isso quando este tinha já oitenta anos. Houve um processo que, evidentemente, não deu em nada. [00:20] E, curiosamente, logo depois, a turma de Schuon intentou um processo contra mim — o qual também não deu em nada. [risos]

Tudo isso tem um efeito cômico, na verdade. Na hora você fica até assustado, mas depois começa a rir daquela coisa. Isto é o preço, sobretudo, de você aprender quais são as correntes profundas que estão moldando a história contemporânea. Se você fica acompanhando só noticiário de jornal ou apenas livros, você não fica sabendo das coisas. Há coisas que você tem de constatar *in loco*: conhecer as pessoas, perguntar, saber quem são e aonde querem chegar. Tudo isto, como se diz em latim, *sine ira et studio*, sem ódio e sem escudo para se defender. Você sempre peça para Deus guiá-lo, mostrar-lhe a Verdade no instante devido – quando você estiver preparado para ela –, mas sem medo de se contaminar no erro, que é a única maneira de compreendê-lo e poder fazer a sua crítica em profundidade. Quando você vê a atenção (e o respeito quase devoto) com que Santo Tomás de Aquino leu Averróis, durante anos, para depois desmentir tudo o que Averróis havia dito, [percebe-se que] o santo não teve medo de se contaminar. Ele nunca deixou de ler um livro de alguém que fosse herético, ele não era um idiota.

Hoje, quando tudo quanto é tipo de erro está disseminado por toda a parte, você não pode se fazer de alma pura e santa que não deve se contaminar. Tem gente que adverte os outros com relação à minha obra, que não a leiam porque sou herético, gnóstico, comunista, nazista etc. e então, alguns não chegam nem perto, e como não leram, ficam odiando, evidentemente. Eu acho engraçado quando dizem que eu não tolero nenhuma idéia diferente. Eu estou discutindo as idéias e isto quer dizer que eu me abri a elas, as conheci e as estou discutindo. Discutir uma idéia é ser intolerante a ela? Agora, tapar a boca de um sujeito, não deixá-lo falar: isso não é intolerância? Estão usando a palavra intolerância no sentido exatamente inverso.

Dessas experiências todas, uma das mais profundas e marcantes, decerto, foi a leitura das obras de René Guénon, Schuon e inúmeros autores que os seguem ou foram influenciados por eles, como Titus Burckhardt, Sayyed Hossein Nasr, Leo Schaya e outros tantos. É uma bibliografia imensa e, evidentemente, tudo isso não bastava. Eu queria chegar perto para saber do que se tratava. Fui fazendo contatos, escrevi para um e para outro e acabei chegando à *tariqa* de Schuon — que aceitava membros sem exigir deles uma abjuração da sua religião originária, no meu caso a católica. Ele dizia que esotericamente não existia a perspectiva da conversão, mas existia a perspectiva da oportunidade espiritual. Assim como Thomas Merton, sendo monge [católico], entregou-se às

práticas budistas – não por ter se convertido ao budismo, mas (como dizia Schuon, com razão) como uma oportunidade espiritual. Tive meus problemas dentro da *tariqa* – os quais não vêm ao caso agora – e resolvi deixar para examinar essa questão em público quando estivesse um pouco mais maduro. Agora, aos 66 anos, talvez eu já esteja um homenzinho e esteja pronto para tratar desses assuntos e começar uma espécie de acerto de contas com René Guénon.

O curioso é que eu pus René Guénon na lista dos meus gurus e as pessoas imaginam que então sou seguidor dele. Eu usei a palavra guru num sentido quase humorístico. Um guru é qualquer pessoa com quem você aprendeu alguma coisa. O termo técnico correto seria *upa guru* (como ninguém sabe o que é *upa guru*, mas sabem o que é guru, usei a palavra guru). Na lista, há pessoas das mais variadas orientações. Tomei como gurus, entre outros, René Guénon e Ludwig von Mises – que era um kantiano ateu. Se eu fosse procurar mestres numa linha coerente, eu precisaria saber antecipadamente qual é a linha coerente, para [depois] escolher os mestres. É impossível, isso é o quadrado redondo. A pessoa tem de se expor a vários ensinamentos; a Bíblia diz que a multiplicidade de conselheiros é sempre uma coisa boa. Então resolvi me abrir a todas essas influências e ver no que daria. Tudo isto com a idéia de que eu estava em formação e não iria anunciar nenhuma conclusão mais definitiva ou mais estável antes de estar maduro para isso. Tanto que só publiquei o meu primeiro livro aos 48 anos de idade (ninguém vai dizer que fui apressado).

Isso aqui é um começo de um exame crítico da obra de René Guénon. Não para ver propriamente o acerto ou erro, mas para ver exatamente o que ele estava querendo, quais foram os resultados efetivos do seu ensinamento e onde estão as coisas hoje. Vou ler e comentar.

Um autor que assina seus escritos com o pseudônimo de “Esfinge” dá a entender que eles contêm um enigma e a ameaça implícita de devorar o leitor que não consiga decifrá-lo.

O paradoxo maior da obra de René Guénon – e o enigma que ela encerra – reside em que, de um lado, ela ostenta o maior desprezo pelo mundo da ação, do tempo e da História, reduzindo literalmente a “manifestação” a “um nada” em comparação com a esfera da eternidade e dos princípios, mas, de outro lado, ela tem como meta primordial, explícita e reiterada, promover ou apressar o advento de uma “restauração tradicional”, isto é, de um objetivo que deve cumprir-se dentro do horizonte do tempo e da História.

Não há nisso nenhuma contradição, em sentido lógico estrito, mas uma tensão entre dois níveis de discurso mutuamente incomensuráveis. Essa tensão não escapou decerto ao próprio autor, homem arguto entre quantos já existiram. No entanto, em vez de realçá-la e dar visibilidade às suas implicações, ele procede como quem a ignorasse por completo, sublinhando, ao contrário, a unidade em bloco de um ensinamento doutrinal cuja formulação escrita impressiona, de fato, por uma coerência lógica na qual tudo, até os mínimos detalhes, remete aos princípios universais que fundam o conjunto.

A obra em si tem uma coerência lógica do começo ao fim. Mas, o objetivo a que ela se propõe coloca-se em outro plano. Esse objetivo não parece justificado por aqueles princípios universais – nós já veremos por quê.

Esse conjunto, ademais, abarca uma tal riqueza e variedade de perspectivas que cada uma delas pode constituir um mundo à parte, um continente disciplinar inteiro, suficiente para absorver no seu estudo – para não falar das práticas espirituais a que deve conduzir – as melhores inteligências e o tempo de vidas inteiras, sem que surja nunca a oportunidade de articular os vários continentes no *mapa mundi* da concepção guénoniana como um todo.

Ao analisar muitos desses escritores da escola tradicionalista, como Jean Borella ou Jean Anouilh, vemos que eles tomam um tópicos guénoniano – o simbolismo – e passam a vida pensando naquilo. E às vezes nem tocam em outros aspectos da obra de Guénon.

Eis por que, se o próprio Guénon não deu sinal de perceber a tensão acima referida, muito menos parecem ter-se dado conta dela os seus principais discípulos, seguidores, admiradores e críticos, todos eles extasiados ante a visão imponente de uma unidade de doutrina e prática — unidade da Doutrina da Unidade [assim a chamava Guénon] — que o próprio autor veio a enfatizar mais tarde, ao adotar o nome islâmico de ‘Abd-al-Wahid Yahya, “João, o Servidor do Único”.

Acontece que, escamoteada aos olhos do leitor aquela tensão, torna-se difícil distinguir quais os pontos em que a “doutrina do absoluto” [Doutrina da Unidade] deve entender-se em sentido metafísico puro, direto e inambíguo, e quando se entremescla nela, como em filigrana, a insinuação de um plano a realizar, de uma ação a cumprir.

Se levarmos a sério a presença da tensão, entenderemos que, em razão da distância incomensurável entre a unidade imutável dos princípios eternos e a multiplicidade quebradiça do mundo manifestado, a ação pretendida não é a única possível, nem a única desejável [00:30], mas apenas uma possibilidade entre muitas, não determinada por nenhuma fatalidade cíclica, mas tão-somente oferecida, num leque de escolhas, ao arbítrio da liberdade humana.

Guénon apresentou a restauração tradicional como uma espécie de fatalidade cíclica que devesse ocorrer ao fim de um período já mais ou menos predeterminado na doutrina hindu dos ciclos, cuja melhor exposição, estritamente guénoniana, é a de Gaston Georgel, *Les quatre âges de l'humanité* (*As quatro eras da humanidade*).

Ele quis dizer que essa restauração aconteceria – quisessem ou não – assim que terminasse o ciclo (ou seja, assim que a decadência alcançasse o seu ponto mais fundo). Haveria então uma transfiguração do tempo em espaço – tudo se tornaria simultâneo – e a tradição se levantaria por si, sem que precisássemos fazer nada, a não ser dar uma ajuda, um pequeno estímulo aqui ou ali. Ele acreditava fielmente que as leis da difusão das ideias eram leis estritas e perfeitamente manejáveis, que a circulação das ideias obedecia a leis estritas e quem conhecesse estas leis poderia então manejá-las. Em parte, isso é verdade.

Porém, há aqui um problema terrível de ordem doutrinal, e eu não creio que nenhum crítico de Guénon tenha assinalado, muito menos seus discípulos. Toda e qualquer teoria cíclica supõe um movimento descendente, isto é, o começo está colocado num nível altíssimo, e tudo o que vem depois é uma longa decadência, até que ciclicamente se opere uma restauração. Só se pode falar de começo em termos de *tempo*: se toda a esfera dos princípios mais elevados e da espiritualidade mais pura está dada no começo, e tudo o que vem depois é uma decadência, isso significa que a escala do melhor e do pior, do mais elevado e do mais baixo, está condicionada ao tempo. Então a pergunta é: por que o melhor tem de estar no começo, e não num momento qualquer? Se estamos falando da possibilidade universal – Onipotência ou Onissapiência –, [tem-se que] em princípio, as intervenções divinas não obedecem rigidamente a nenhuma sequência cíclica, mas são decisões livres, [decisões] de liberdade divina; portanto o ponto mais alto pode ser alcançado a qualquer momento da história, tão logo Deus decida fazê-lo, como de fato é o que vê a Igreja Cristã com o advento do Nosso Senhor Jesus Cristo – o qual não se deu no começo dos tempos.

Então já temos aí um problema: se o Eterno (o Supratemporal, o Absoluto) predomina sobre a temporalidade, como Ele pode estar encadeado a uma necessidade cíclica que não pode violar? Isso é uma contradição absolutamente monstruosa: o Eterno tem prioridade ou está encadeado à necessidade cíclica? Em suma, existe a Onipotência de Deus – a Onipotência do Ser Supremo,

como queiram chamá-lo –, ou existe a onipotência do ciclo, a qual o próprio Deus não pode violar? Na perspectiva cristã, a coisa principal não aconteceu no começo, mas aconteceu no meio – aliás, o começo já tinha em vista esse meio, porque quando se fala da queda de Adão, era uma coisa que já estava prevista, tanto que a Igreja Católica fala da *felix culpa*, a culpa feliz de Adão, que permite então o advento do Nosso Senhor Jesus Cristo e a salvação das almas.

Em segundo lugar, o começo, na própria Bíblia, não é um ponto tão alto quanto parece, porque logo após a Criação vem a Queda. Isso quer dizer que viemos de queda em queda e que o advento de Cristo foi apenas uma restauração de uma tradição anterior? É claro que o advento de Cristo pode ser visto das duas maneiras: Ele disse que veio para cumprir a lei, mas Ele mesmo fala de uma *nova aliança*, em que todos os compromissos da antiga lei são substituídos por novos compromissos muito mais simples e diretos, e não condicionados a uma nação específica. Se Ele tivesse vindo [apenas] para restaurar a tradição anterior, então seria exclusivamente tradição judaica. Não foi isso que Ele fez. Ele a simplificou e a abriu para todo mundo, de maneira que todos nós viramos judeus. Esse é um dos múltiplos problemas que aparecerão aí.

Sem a consciência da tensão, o determinismo cíclico prevalece de tal modo que a via guénoniana para a solução dos males do mundo parece não só uma fatalidade inexorável, mas uma obrigação estrita à qual devem curvar-se todas as “pessoas qualificadas”, todos os membros atuais e virtuais da “elite intelectual”.

Ele disse que falava a uma elite intelectual (muito discreta aliás), pessoas de altíssimo nível, que não teriam de agir exteriormente, mas apenas condensar uma força espiritual até a chegada do devido momento em que aquilo se exteriorizasse. Se existe este ciclo, estamos então no fim do *Kali-Yuga*. Todas as pessoas que estão qualificadas, que têm um nível requerido para participação em altas atividades espirituais, estão praticamente obrigadas – moralmente obrigadas – a participar dessa preparação da suposta restauração tradicional.

Essa via [a via guénoniana para solução dos males do mundo] pode-se resumir sem qualquer inexatidão, pois o próprio autor assim a definiu muitas vezes, como a absorção do Ocidente pelo Oriente, absorção que tanto pode assumir a forma branda de uma “restauração da tradição ocidental” [isto é, da Igreja Católica] sob o guiamento de autoridades espirituais orientais, como até a de uma completa ocupação cultural, política, econômica e militar das nações ocidentais pelas forças do Oriente.

Ele diz isso com todas as letras. No livro *Oriente e Ocidente* (de 1924), ele diz que o Ocidente teria três saídas: a) cair na barbárie definitiva; b) restaurar a tradição católica sob o guiamento e inspiração de autoridades orientais (entre as quais ele mesmo, evidentemente), ou então c) ser ocupado pelo Oriente. Essa ocupação pode ser de natureza puramente cultural e espiritual, ou pode ser até, em casos extremos, uma ocupação política, militar, econômica etc.”

Os discípulos católicos de René Guénon tentam fazer-nos crer que ele muito se esforçou pela primeira alternativa [isto é, pela restauração católica; há quem acredite nisso até hoje], como o provam [segundo eles] os artigos que publicou na revista católica *Regnabit*, os quais mostram de fato uma compreensão excepcionalmente profunda dos símbolos cristãos.

Muitos ateus, se lerem os artigos de René Guénon na revista *Regnabit*, converter-se-ão à Igreja Católica na mesma hora.

Mas o fato é que os primeiros contatos de Guénon com o meio católico e o início da sua colaboração nessa revista datam de 1925, ao passo que os seus biógrafos são unânimes em declarar que a partida

do filósofo para o Egito, em 1930, assinala o momento em que, desistindo de qualquer esperança na restauração da Igreja Católica, ele passou a apostar todas as suas fichas na ascensão do Islam.

Ou seja, como é que em 1925 ele começa um trabalho de restauração da Igreja Católica, chega 1930 e ele fala que não vai dar, que vai partir pra o Islam? Acho que é um prazo muito curto pra chegar a esta conclusão.

Ora, que pode ter acontecido de tão significativo na Igreja Católica no prazo desses breves cinco anos, para fazer do pretense restaurador do catolicismo o apóstolo da islamização global? Nada, é claro. Ou foi o próprio Guénon que mudou de idéia muito rapidamente, ou [o que eu acredito mais, porque ele não um sujeito de ficar mudando de idéia todo dia] os seus esforços em prol da restauração católica não passaram de um ensaio superficial, feito mais por desencargo de consciência do que por uma confiança genuína na realização dessa possibilidade.

Isso significa que, em 1925, ele já não acreditava muito em uma restauração da Igreja Católica, mas era como se dissesse que estava dando uma chance à Igreja. [00:40] A chance seria o seguinte: os católicos recuperariam a consciência dos elementos simbólicos que estão nos seus rituais, na Bíblia etc., e do conteúdo doutrinal metafísico ali imbricado – conteúdo doutrinal metafísico que, por sua vez, René Guénon expunha em outros livros, como *O homem e seu devir segundo o Vedanta*, *A Metafísica Oriental* etc. Isso quer dizer que a restauração da Igreja Católica já se daria sob a condução de autoridades espirituais. Que autoridades espirituais? René Guénon era membro de uma *tariqa* desde os 16 anos, e embora usasse com mais frequência a terminologia do *Vedanta* (quer dizer, da tradição hindu), a autoridade à qual ele estava ligado e que ele representava – porque ele sempre dizia que aquilo não era idéia dele, que era uma autoridade tradicional que estava ditando aquilo, ou ditando diretamente ou por alguma via espiritual desconhecida – era o *sheikh* Elish El-Kebir, do Egito, ao qual ele estava vinculado por um compromisso de discipulado, e com cuja filha iria casar mais tarde, ao mudar para o Egito. Então, a autoridade espiritual não era hindu, não era chinesa, não era budista, era uma autoridade espiritual islâmica. É como se dissesse que o Islam recuperaria o senso original do catolicismo, e os católicos se reintegrariam na tradição universal.

Nessa perspectiva, evidentemente, o advento de Cristo só pode ser visto como uma das muitas restaurações cíclicas que aconteceram ao longo da história, ou seja, a pessoa de Cristo é apenas um *avatar*, uma personalidade espiritual que reaparece de tempos em tempos sob várias encarnações, sob várias figuras diferentes: Ele perde toda sua especificidade, tudo aquilo que é peculiar em Cristo é reduzido apenas à manifestação de situações históricas contingentes. Cristo aparece como aparece, com a personalidade que Ele tem, apenas em função de circunstâncias históricas que assim o exigiam ou o solicitavam, e não como a personificação única do Verbo divino. Porém, Cristo enfaticamente diz que Ele mesmo é a única encarnação desse Verbo divino, os Apóstolos dizem a mesma coisa, e Ele diz que todos os que vieram antes d’Ele são ladrões<sup>2</sup>. Não poderia ser mais claro.

Mais tarde houve uma discussão entre Frithjof Schuon e René Guénon, porque Schuon — que eu creio que a essa altura já vivia na América e já adquirira uma independência muito grande em relação ao Guénon — começou a especular certas possibilidades teóricas que horrorizaram Guénon, e uma delas foi a seguinte: os sacramentos cristãos tem um poder iniciático por si mesmos, quer dizer, eles não são apenas ritos de agregação para o sujeito entrar na comunidade, são verdadeiros ritos iniciáticos que produzem uma transfiguração espiritual efetiva e continuam funcionando como tal até hoje. Guénon disse que não, que aquilo era um absurdo, pois o Cristianismo aparecera não como uma religião de massas, não como exoterismo, mas apenas como um esoterismo, seria para

---

<sup>2</sup> João 10:8

poucos, apenas um círculo de iniciados; que depois, em função da decadência geral do mundo romano, ele se exoterizou e foi aberto para as massas em fase posterior.

Cristo disse [aos Apóstolos] que fossem por toda parte e fizessem prosélitos<sup>3</sup>. Não se pode esquecer que a atividade pública de Cristo foi de apenas três anos, e desde o primeiro momento, quando Ele arrumou o primeiro discípulo, já disse que fossem por toda parte e fizessem prosélitos. Ele nunca disse que guardassem aquilo para eles. Segundo, Cristo diz textualmente que nada ensinou em segredo e que tudo o que Ele disse foi em praça pública<sup>4</sup>.

Esse ensinamento esotérico cristão existe, já está nos sacramentos: esotérico no sentido de que não são apenas ritos de agregação, mas são ritos realmente iniciáticos, como confirma o atual Catecismo da Igreja Católica, promulgado pelo Papa João Paulo II, em 1992<sup>5</sup>. Ele tem afirmações como o fato de o sacramento do Crisma, da Confirmação, ser uma segunda etapa da *iniciação* cristã. Ele usa exatamente este termo, de certo modo mostrando que já havia absorvido aquela discussão [entre] Guénon e Schuon e estava dando a resposta de que sim, são sacramentos iniciáticos mesmo, são ritos iniciáticos mesmo, e não há outro esoterismo cristão fora dos sacramentos ou independente deles.

Isso quer dizer que, pelo menos o Papa João Paulo II tomou o partido de Schuon nessa discussão, e Guénon ficou tão bravo com isso, mas tão bravo, que nunca mais quis falar com Schuon. Ele era uma espécie de “padrinho” espiritual de Schuon, e rompeu relações totalmente [com Schuon]. As várias *tariqas* que haviam se formado bipartiram-se, uma parte tornou-se guénonista, então a coisa dividiu-se entre guénonistas e perenialistas (como preferem ser chamados os discípulos de Schuon). Nesse ponto eu acho que Schuon ganhou a briga, porque vendo a continuação das obras dos autores tradicionalistas influenciados por Schuon, só eles argumentam nesse ponto, e os que são contra, os estritamente guénonianos, não respondem, não falam nada; eles reforçaram o caráter islâmico da sua iniciação. Se a *tariqa* de Schuon era aberta a ortodoxos, católicos etc., os guénonianos fecharam as *tariqas* dizendo que dali por diante só entrariam muçulmanos; que eles eram muçulmanos de estrita observância e [quem quisesse entrar] teria de cumprir toda a *sharia*. Então, de certo modo, a riqueza de informações e de interpretações que foram baseadas na hipótese de Schuon dão a ele a vitória intelectual nesse debate — sem que a essa vitória intelectual corresponda um acréscimo de poder, porque metade das *tariqas* ficaram do outro lado, chefiadas sobretudo por Michel Valsan, que era um romeno, e depois por Charles-André Gilis. Ao tomar as obras desses camaradas, [vê-se que] são muçulmanos de estrita observância.

Ou foi o próprio Guénon que mudou de idéia muito rapidamente, ou seus esforços em prol da restauração católica não passaram de um ensaio superficial, feito mais por desengano de consciência do que por uma confiança genuína na realização dessa possibilidade. Em ambos os casos, é preciso concluir que ao menos na parte maior e mais significativa da sua existência de escritor e mentor, a meta de René Guénon foi pura e simplesmente a ocupação do Ocidente pelo Oriente, especificamente o Oriente islâmico, no seu entender o único herdeiro e porta-voz epocal legítimo das tradições orientais como um todo.

Ele mesmo confirmou isso da maneira mais ostensiva. A “ação tradicional”, segundo ele, tinha seu ponto de partida na formação de uma “elite intelectual” não somente adestrada no conhecimento das doutrinas orientais mas espiritualmente transfigurada pela participação em rituais iniciáticos no quadro de organizações esotéricas regularmente filiadas a uma “tradição legítima”. Quando seu correspondente e admirador suíço Frithjof Schuon voltou da Argélia no início dos anos 40 investido

---

<sup>3</sup> Mateus, 28:19

<sup>4</sup> João, 18:20

<sup>5</sup> Promulgado em 11 de outubro de 1992

do título de *sheikh* de uma *tariqah* (organização esotérica) das mais tradicionais e, pondo mãos à obra na tarefa de formar uma “elite intelectual” nos termos desejados pelo seu antecessor, proclamou [00:50] “Vou islamizar a Europa”, Guénon não hesitou em declarar que esse era o primeiro e único resultado concreto alcançado por seu trabalho de muitas décadas.

Então é preciso ser extremamente burro para não perceber que a obra inteira de René Guénon tem este objetivo: a islamização do Ocidente. Tanto que à hora em que o sujeito apareceu com o instrumento prático para fazer isso [Guénon não hesitou] – porque Guénon não era um *sheikh*, era um instrutor, só podia ensinar, não podia passar as iniciações, não podia agregar pessoas à *tariqa*, e quando aparecia um interessado qualificado, ele mandava para algum *sheikh* –, e, de repente havia um *sheikh* em plena Europa. O que esse *sheikh* está lá fazendo? Ia islamizar a Europa, isso nos anos 40.

Nosso webmaster, Silvio Grimaldo, disse que no livro de David Bisson, *René Guénon: Une politique de l'esprit (René Guénon: Uma política do espírito)*, ele chega a outras conclusões. Não chega não, Sílvio. Examine direitinho, e você verá que Bisson, nas últimas páginas do livro, mostra o que sobrou da obra de René Guénon, qual é o estado posterior e mais recente da coisa. E você verá que as únicas linhas de continuidade que não são puramente islâmicas ou predominantemente islâmicas são, em primeiro lugar, a iniciativa de três autores que estão mais para o lado católico – Jean Hani, Jean Borella e um terceiro de que esqueci o nome –, cuja repercussão no meio católico foi a pior possível, são tidos como realmente heréticos. Não têm penetração no meio católico. O efeito que Guénon teve no meio católico foi na cabeça dessas três pessoas e mais três ou quatro que os seguem. Em segundo lugar, existe uma continuidade na esfera maçônica – continuidade também muito modesta.

O que se vê por todo lado é o florescimento das *tariqas*. Isso quer dizer que, maciçamente, a obra de René Guénon é continuada pelas *tariqas*, sobretudo nos termos de Michel Valsan e de André Gilis: o islamismo de estrita observância. A *tariqa* de Schuon se dissolveu após a morte dele (terminou muito mal por causa de escândalos e brigas), e várias *tariqas* emergiram dali, e, que eu saiba, a principal é também de estrita observância islâmica, malgrado as pretensões universalistas do seu discurso.

E a terceira corrente que sobrou, que não é nominalmente islâmica, é a de Alexandre Duguin. É a Eurásia e portanto a ocupação militar e econômica do Ocidente pelo Oriente. Esses são os herdeiros de René Guénon, tal como os resume brilhantemente David Bisson nesse livro, *René Guénon: Une politique de l'esprit*. Em vez de desmentir qualquer coisa que eu estou dizendo, o Bisson dá ali a confirmação total. Sobrou um vasto movimento islamizante das *tariqas* e um pequeno “zumzum” maçônico e um pequeno “zumzum” católico (tido como herético). Eu tenho estudos, publicados na Sociedade Augustin Barruel, de um núcleo de católicos tradicionalistas franceses, que fazem um exame absolutamente implacável das idéias de Jean Borella – sem dúvida um grande pensador, um dos grandes conhecedores do simbolismo universal, mas que não parece desfrutar de muita autoridade no mundo católico.

Porém, entre esses resultados da obra de René Guénon, existe esse que aparece no Catecismo da Igreja, que não é um resultado de René Guénon, mas uma resposta a René Guénon, dizendo claramente que ele estava errado e que os sacramentos tinham uma função iniciática sim, ao contrário do que ele dissera; e que essa pretensa exotericização acidental que ele havia dito não poderia ter acontecido nos breves três anos do ensinamento do Nosso Senhor Jesus Cristo. E, ademais, seria totalmente inconcebível que a parte melhor e espiritualmente mais elevada do Cristianismo estivesse nas organizações esotéricas que aparecem – como a companheiragem na Idade Média, ou [organizações] que depois se transformam na Maçonaria –, porque isso implicaria

em dizer que Jesus Cristo passou um ensinamento para os Apóstolos e outro ensinamento secreto para outras pessoas, ensinamentos que só viriam a aparecer publicamente a partir do século XVI. Quer dizer, Jesus não apenas tem um ensinamento secreto, mas ficou secreto por dezesseis séculos, até aparecer um sujeito que diz ter o cristianismo primordial e todos estarem enganados. Não por coincidência, quando esse ensinamento vem à tona – essas doutrinas da Maçonaria –, logo aparece também a Reforma Protestante e tudo vira um caos, a divisão do Cristianismo que dura até hoje.

Continuando:

A obra de Guénon abrange duas linhas mestras: de um lado, a exposição de uma doutrina metafísica universal subjacente, segundo ele, a todas as grandes tradições religiosas; de outro, as instruções gerais preparatórias à formação de uma “elite intelectual” destinada a islamizar o Ocidente, seja pela via sutil e discreta da influência hegemônica exercida sobre a Igreja Católica (hipótese logo abandonada), seja pela via da ocupação total. Em ambos os casos, essa obra, tida às vezes como apolítica, às vezes como acentuadamente conservadora, se insere da maneira mais nítida no quadro da “mentalidade revolucionária” tal como a defini em trabalhos anteriores, isto é, a busca de uma transformação radical da sociedade, ou do mundo todo, a ser realizada por meio da concentração de poder.<sup>6</sup>

Poder que pode ser concentrado tanto na mão do Islam quanto na mão do esquema eurasiático (que abrange também o Islam), cujas finalidades imperialistas e invasivas são mais do que declaradas. Não deixa de ser significativo que, mesmo entre os guénonistas – os continuadores de Guénon na esfera católica –, um dos principais grupos, chefiado por Daniel Colombe, criou uma revista (de cujo nome não me recordo), e uma das primeiras atitudes da revista, como católica, foi dar total apoio à Revolução Iraniana. Vê-se que, mesmo os católicos estão entrando na “rabeira” de um movimento islâmico. Quando Guénon fala da ocupação do Ocidente pelo Oriente, ele não está brincando, ele diz exatamente o que está querendo, e esta é a chave de toda a sua obra. A chave não está na esfera espiritual, não está na esfera metafísica, está no momento histórico no qual ele intervém com uma ação ao mesmo tempo sutil, profunda e enormemente poderosa, como se pode ver pelos seus resultados hoje.

Pela primeira vez, começo a entender do que se trata a obra de René Guénon, e muitas coisas que são expostas [na obra] como pura doutrina metafísica apolítica, supra-histórica etc., não são bem supra-históricas. Na concepção guénoniana, o advento do Cristianismo é apenas uma das muitas restaurações cíclicas, e Jesus Cristo é dissolvido na idéia mais geral do *Logos* divino – há um *Logos* divino que se manifesta em muitos lugares, e uma de suas manifestações chama-se Jesus Cristo. Acontece o seguinte: quando vocês vão comungar, o que o padre diz ao dar-lhes a hóstia, que aquele é o espírito [de Jesus Cristo]? Não, ele diz que aquele é o Corpo e o Sangue [de Jesus]. Isso quer dizer que a presença corporal de Nosso Senhor Jesus Cristo é a coisa fundamental. O que Jesus Cristo promete depois do fim dos tempos e do Juízo Final? A sua sobrevivência em espírito num paraíso etéreo? Não, promete a ressurreição da carne. [1:00] Isso quer dizer que a presença histórica de Jesus Cristo naquele tempo, naquele momento (a presença corporal), é o elemento fundamental, que não pode ser dissolvida numa noção geral do *Logos*, que teria aparecido um pouco na Índia, um pouco em outros lugares; embora o *Logos* esteja efetivamente presente lá. Ele está presente – em todas as tradições há *algo* de divino, alguma manifestação do *Logos* há, mas o *Logos* só está presente carnalmente num momento, num único momento –, e é esta presença física d’Ele que, através de uma operação física (a presença real na hóstia), garantirá a salvação das almas. Isso é

---

<sup>6</sup> V. minha conferência “The Structure of the Revolutionary Mind”, em <http://www.youtube.com/watch?v=vCW5zSsoPkw>

absolutamente incompatível com a idéia de que o Cristianismo é apenas uma restauração de uma religião primordial.

Essa religião primordial pode ter existido, mas o elemento fundamental é a presença do Cristo naquele momento. A Igreja considera aquilo o centro da história. E, se é o centro, não é apenas um capítulo, uma restauração parcial dentro de uma linha de decadência – é uma coisa completamente diferente disso. Essa perspectiva corporal está totalmente alheia a Guénon, porque ele diz que não querem a salvação da alma, querem uma coisa maior, mais elevada: eles querem transformar-se no Absoluto e no Eterno. É realmente uma divinização do homem, não através de Jesus Cristo, mas pelas práticas esotéricas — que podem ser hindus, islâmicas etc. –, e que, em última análise cai no gnosticismo (no sentido estrito da palavra gnosticismo); ele confunde e diz que está falando de gnose, [diz] que não é exatamente o gnosticismo. Acontece que essa série de rituais esotéricos não santificarão a pessoa, eles elevarão o seu nível de conhecimento espiritual. Ninguém fala ali de uma Graça recebida, de uma Graça oferecida *de graça*, mas no resultado de um rito oficiado ou por um *sheikh* islâmico ou por qualquer outra pessoa.

Quando Guénon diz isto, ele está sendo coerente com sua teoria cíclica, que diz que essas várias manifestações do *Logos* são apenas – como tudo está indo sempre para baixo – restaurações parciais. Ele é bastante coerente nisto, mas onde fica a idéia da restauração da carne e onde fica a presença corporal, a presença real, de Cristo na Eucaristia? Tudo isso desaparece, evidentemente. Como poderia haver uma restauração da Igreja Católica sob a influência desta doutrina? Não poderia, de forma alguma. Seria um pseudocatolicismo, uma fachada católica com um fundo islâmico ou hindu (hindu através do Islam).

Outra coisa que devo assinalar é que nesses meios tradicionais (tradicionalistas), eu não conheci uma única pessoa santa. Não conheci sequer uma pessoa que fosse moralmente notável – ao contrário, só o que vi ali foi briga, intriga, maledicência, um comendo a mulher do outro, falando coisas horríveis a respeito um do outro, que circulam até hoje, uma coisa horrível. E freqüentemente circulando em versão mentirosa: há um sujeito que tem um relatório enorme, em que colocou o meu nome dizendo que eu era um discípulo fiel e o maior puxa-saco que Schuon teve ao longo de toda a sua vida. Eu? Não, se houve alguém que saiu dali horrorizado, fui eu. O contato com Schuon foi breve, cerca de um ano e meio, e logo eu já não queria mais saber, a coisa ali estava muito grave.

Uma organização poderosa daquele tipo se deu ao luxo de mover um processo contra mim: angariaram seis testemunhas falsas, que depunham com uma segurança absoluta – ao passo que as minhas testemunhas, que estavam dizendo a verdade, tremiam e davam a impressão de que mentiam. Se eu não tivesse a prova documental do que eu estava dizendo, teria sido condenado. O testemunho nada adianta em face de uma prova material. Então, eles saíram [do processo] totalmente desmoralizados. Depois eu soube que este procedimento de usar assédio judicial em cima de pessoas desagradáveis era um costume. Que autoridade espiritual é esta, que precisa usar deste tipo de expediente baixo, que é digno mais do PT? Eu vi ali muita baixaria. Eu não quero ficar cuspidando na memória das pessoas, porque acho que Schuon tem uma grandeza. Ao ler os livros dele, vê-se que há uma grandeza; e eu não posso negar que aprendi muita coisa ali.

Ele apenas não era tão grande quanto imaginava – ele era grande, mas pensava que era dois. Na verdade, o próprio Guénon teve um postura muito mais modesta do que ele. Embora Guénon estivesse com a opinião errada, com a doutrina errada, e Schuon com a doutrina certa, Schuon teve a atitude errada; ao passo que Guénon foi muito mais comedido: nunca se colocou como mestre espiritual, nunca deu iniciação a ninguém e nunca desfrutou daquela autoridade física, direta, sobre os discípulos que Schuon desfrutou. A regra nas *tariqas* é que o discípulo se coloque nas mãos do

*sheikh* como um cadáver nas mãos do lavador de cadáveres – no Islam, quando se vai enterrar alguém, o cadáver tem de ser lavado primeiro. O sujeito está ali tão passivo e obediente quanto o cadáver nas mãos do lavador de cadáveres. Isso para vocês terem idéia de até onde vai a autoridade desse sujeito.

Schuon determinava, por exemplo, como deve ser a decoração da sua casa, quantos cigarros se pode fumar por dia, o que é que se pode ou não dizer, enfim, uma interferência brutal e às vezes contraditória ao ponto de levar ao desespero. Um dia aconteceram umas coisas esquisitas, eu mandei algumas cartas malcriadas e, como não se pode sair da *tariqa*, apenas *ser saído*, consegui sair da maneira mais simples: cometi uma infração intolerável e eles colocaram-me para fora, o que era exatamente o que eu estava pedindo a Deus, pois não estava mais aguentando aquilo. O fim da *tariqa* de Schuon foi uma das coisas mais deprimentes do mundo – não vou entrar em detalhes. Mas a acusação de pedofilia lançada por aquele cidadão, eu acho que é injusta, que não é verdadeira.

E, se um homem da estatura de Schuon pode inventar uma acusação falsa contra um pobre rapaz latino-americano, então, certamente, aos olhos de Deus, ele merece também uma acusação falsa, altamente desmoralizante. Eu fiquei com pena. Esse rapaz [que moveu a acusação de pedofilia] foi mais tarde reconhecido como um sujeito desequilibrado. O site que divulga esse material disse que ele realmente “não batia dos pinos”. E a hipótese de que a escola tradicionalista seja um fascismo é puro raciocínio metonímico. O tradicionalismo, como é um instrumento da ocupação islâmica, tem aspectos que lembram, remotamente, o fascismo, mas são propriedades secundárias, até acidentais. Tentar explicar uma coisa como o esoterismo islâmico, que tem 1400 anos de idade, por uma coisa que começou em 1920, é explicar o antes pelo depois, o total anacronismo. Não tem confiabilidade historiográfica real. [1:10]

Vou continuar a leitura.

A ignorância e o descaso quanto à tensão acima apontada faz com que, para os discípulos e admiradores do mestre [eu me considero um admirador ainda, tanto dele quanto de Schuon, e não estou dizendo nada para desmoralizá-los], a segunda dessas linhas decorre da primeira como consequência óbvia e incontornável (...)

Há a doutrina metafísica, dentro dela a doutrina dos ciclos e da doutrina dos ciclos decorre a destruição do Ocidente e sua ocupação pelo Oriente. Guénon estabelece uma hierarquia muito clara entre o que é a metafísica, que trata de realidades eternas, absolutas e imutáveis, e a mera cosmologia, que é a história do “acontecer cósmico”. Mas, no caso, ele está condicionando a metafísica à cosmologia. Se ele diz que a próxima etapa do desenvolvimento cosmológico é fatal e imutável e é a restauração da tradição por via do Oriente islâmico, então, significa que aquela esfera metafísica do absoluto não é tão absoluta assim, está condicionada a um fator temporal e evolutivo. Ou seja, a história está, agora, amarrando a eternidade, comprometendo-a a realizar certas coisas dentro de um prazo cíclico pré-determinado.

(...), de modo que, entre eles [os discípulos], mesmo os católicos sinceros acabem servindo ao projeto da islamização global, seja por que vêm realmente nela a única via para a redenção espiritual do mundo e da própria Igreja Católica, seja porque não chegaram a elaborar claramente a articulação entre esses dois aspectos do ensinamento guénoniano, a qual, na verdade, é das mais problemáticas.

A meta da obra de Guénon é, em suma, islamizar o Ocidente em nome de uma doutrina metafísica universal que transcende as fronteiras confessionais, e fazê-lo de tal modo que a islamização pareça, nas condições do mundo presente, a única alternativa coerente com essa doutrina.

Assim, tudo vai acabar indo para o projeto islâmico ou para o projeto eurasiático (que é a mesma coisa). Mesmo um católico *ex professo* como Daniel Colombe acaba aplaudindo, como grande acontecimento do mundo contemporâneo, a Revolução Iraniana.

É assim que uma doutrina voltada nominalmente ao eterno e supratemporal se torna uma das intervenções mais fundas, eficazes e devastadoras já vistas no mundo da História e da política. A passagem entre esses dois níveis atravessa uma rede de ambigüidades e dificuldades que, se não percebida e analisada, não deixa ao leitor outra alternativa senão ser devorado pela Esfinge.

Admiro muito o trabalho da Esfinge, aprendi muito com ela, mas não é bom ser devorado: podemos vê-la de fora, de algum modo. Alexandre Duguin ficou anos estudando René Guénon e a idéia dele era juntar tudo o que fosse anti-ocidental: Islam, Comunismo, Nazismo, Fascismo, todos os nacionalismos de vários lugares e jogar tudo contra o Ocidente. Isto é a ocupação do Ocidente pelo Oriente. Todas as afetações de atitude apolítica de Guénon – não digo que fossem falsas – eram uma precaução para que os efeitos de sua obra não fossem estrangulados em tempo por uma polêmica política que iria rebaixar o nível da coisa. Porém, a partir da morte de Guénon, nas décadas seguintes, o fator político foi se condensando e se adensando cada vez mais em movimentos da chamada “ultra-ultra-direita”, entre os quais o próprio Alexandre Duguin.

Ao explicar essas coisas aqui é que se vê como a intelectualidade brasileira – tanto esquerdistas quanto liberais e conservadores – está longe de ter a menor idéia do que se passa no mundo. O Brasil virou uma espécie de “bolha assassina”: a bolha come tudo, e o que entra dentro dela morre. Não há a mais mínima esperança de que as pessoas entendam essas coisas. Imaginem, por exemplo, um sujeito marxista que, de repente, leia um livro de René Guénon. Caso entenda alguma coisa, ele levará um choque e não continuará marxista nem mais cinco minutos: dirá que descobriu a luz, e virará um tradicionalista. Coisa que, na verdade, eu nunca vi. Eu entrei lá experimentalmente, de boa fé; o simples fato de Schuon aceitar a possibilidade de que a pessoa entrasse lá mas não abjurasse da Igreja Católica (ele mesmo dizia que aquilo não era uma conversão, era outra coisa), [possibilitou] deixar a porta aberta para eu sair. Ainda que eu não pudesse sair por minha iniciativa e devesse cometer alguma inconveniência para poder ser tirado de lá.

Esta é, em parte, a história dessa minha experiência, que me custou caro e durou anos a fio. O processo levou seis anos, durante os quais o meu primeiro advogado ficou louco e quis matar uma das testemunhas; o segundo advogado teve um enfarte e ficou totalmente inutilizado; o terceiro advogado teve um enfarte e morreu. E o quarto advogado, que aliás era genro do terceiro, falecido, foi lá e encerrou o processo brilhantemente, fez o que tinha de fazer, finalmente: apresentou o “papelzinho”, disse que estava ali a prova e que se acabasse tudo aquilo. O juiz, na mesma hora, deu a sentença; o advogado ficou com tanta pena de mim que nem cobrou nada, disse que eu já havia sofrido demais com aquilo, estava há seis anos naquela porcaria.

\*\*\*\*\*

*Aluno: Eu queria que você desenvolvesse, minimamente que fosse, a questão da espiritualidade, da autenticidade, a expressão do poder de Deus através do Islam: como acontece isso, se é que acontece.*

Olavo: Não é [apenas] do Islam, vê-se isto no Islam, no Hinduísmo, no Budismo etc. Algo da espiritualidade, algo do Espírito Santo tem ali. Mas acho que já é algo muito parcial, filtrado, alterado, modificado: é uma coisa que você descobre a verdade ali no coração de cada uma dessas tradições. Existe um elemento que, curiosamente, contrasta muito com a perspectiva de Guénon, que é a ação de Deus no mundo físico. Guénon raramente fala sobre isto. Por exemplo, os milagres

da Igreja Católica: [para ficar apenas] no século XX, vemos alguns milhares de casos de estátuas da Virgem que apareceram chorando e que foram submetidas a todos os tipos de teste; não havia treta, não havia máquina, não havia coisa nenhuma, eram lágrimas humanas verdadeiramente. É como diz o autor Pierre Jovanovic, nunca se viu um anão de jardim ou uma estátua do Buda chorar. Também nunca se viu, em nenhuma tradição do mundo, o fenômeno dos corpos imaculados dos santos que são exumados 50, 60, 70 anos depois e que estão absolutamente intactos. Isto nunca aconteceu em nenhuma tradição. Também não há um caso de um único homem como o Padre Pio, que operou milhares e milhares de milagres confirmados; e igualmente não há nada nessas tradições como a Aparição de Nossa Senhora em Fátima, testemunhada por 70 mil pessoas, cujas profecias anunciadas se cumprem milimetricamente.

Essa ação no mundo, dentro de uma perspectiva guénoniana, pode até parecer uma coisa desprezível. Porém, isso é o centro do Cristianismo: a ação física de Deus no mundo e a ressurreição dos corpos são a essência do Cristianismo. Não se trata de uma ascensão espiritual de tipo plotiniana, em que o sujeito vai para o céu e não volta nunca mais. Não é realmente assim. O que Jesus promete no Apocalipse é um novo céu e uma nova terra, Ele não falou só um novo céu. É a ressurreição dos corpos em uma nova terra. A perspectiva guénoniana — puramente ascensional, de você se transformar em um Brahman e retirar-se do mundo da manifestação para sempre — tem pouco ou nada a ver com essa perspectiva cristã. [1:20]

Eu já citei muitas vezes aquele versículo do Evangelho segundo São Mateus em que João Batista, que está na cadeia, mandou os discípulos perguntarem a Jesus se era Ele mesmo o Messias que estavam esperando ou se deveriam esperar um outro. E Jesus lhes respondeu que voltassem e contassem para João o que eles tinham *visto e ouvido*: o parálítico andar, o cego enxergar, o sujeito que estava leproso aparecer limpo. Eles *viram*, e isto é o método científico: Jesus está se referindo a fatos da ordem física, que mostram a presença e a ação de Deus no mundo físico. E essa presença e essa ação se tornam, sobretudo, manifestas com a vinda de Cristo e com as sucessivas intervenções de Nossa Senhora que estão ficando cada vez mais freqüentes. Reduzir tudo isto a apenas mais uma restauração cíclica não me parece muito proporcional.

Se for "pelos frutos os conhecereis", eu não vi frutos de santidade no meio tradicional. Nada. Aliás, não vi nenhuma daquelas pessoas saber nada que não pudessem aprender em livros. Argumentam [no meio tradicional] que não adianta o aprendizado teórico, é preciso passar pela disciplina e pela iniciação. Bem, aqueles que passaram pela disciplina e pela iniciação só sabem o que está escrito nos livros. Nada há ali que precise de uma intervenção divina para se ficar sabendo. Por exemplo, será que foi o Espírito Santo que ditou para René Guénon a idéia de que, por volta de 1930, a China jamais seria bolchevista? Toda essa visão que ele tem do Oriente é a visão de um Oriente idealizado, e não um Oriente historicamente manifesto. Já em 1950, Julius Evola dizia que o Oriente de que Guénon falava era um Oriente idealizado, porque o Oriente atual não tinha nada para ensinar, aquilo era uma bela porcaria. A revolução comunista, a revolução cultural na China, a ditadura soviética, e depois a revolução islâmica, esse caos todo é o que eles têm para nos ensinar? Eles vão restaurar a ordem que eles mesmos não têm? O Evola disse isso por volta de 1952, e Guénon ainda estava vivo quando ele disse isso.

Esse Oriente de Guénon é um Oriente idealizado, e, ao aparecer como uma figura (um símbolo) que dará autoridade ao Oriente real, ao Oriente histórico, para ocupar o Ocidente, [torna-se] uma ideologia. É característico da ideologia confundir o idealizado com o real, [como por exemplo] dar a uma autoridade histórica, real, política, econômica etc., o prestígio de um Oriente mítico. Isso é um raciocínio tipicamente ideológico e há um forte componente ideológico em René Guénon. Esta operação que ele fez obteve os resultados mais espetaculares do mundo; o que ele fez sozinho

superou até a KGB. Em 1930, quando ele fez na Sorbonne a conferência sobre metafísica oriental, ninguém ligou a mínima, diziam que o Oriente e o Islam estavam acabados. E vinte anos depois, [o Oriente e o Islam] estavam ocupando tudo. Ele fez sozinho uma coisa que a KGB inteira teve dificuldade para fazer. Logo, não se pode negar o gênio estratégico deste homem – mais gênio estratégico do que gênio metafísico. A estratégia dele é mais inteligente e mais correta do que sua metafísica.

*Aluno: Mas para destruir o Cristianismo, não?*

Olavo: Não para destruir, pois ele nunca quis destruir o Cristianismo. Ele quis absorvê-lo. Ele acreditava mesmo que a fonte do Cristianismo era uma tradição primordial. Essa tradição primordial só tem como representantes dignos, hoje, o Islam, alguns poucos sobreviventes do hinduísmo e a maçonaria. Tratava-se de resgatar o Cristianismo inserido dentro deste quadro. Isto não deixa de ter a sua similaridade com a política da ONU e demais globalistas que querem transformar a Igreja em uma espécie de filial de uma religião mundial. Não digo que René Guénon aprovasse isso, ele não queria colocar a Igreja Católica sob o comando da ONU, mas colocá-la sob o comando da autoridade espiritual islâmica. É claro que nós podemos tirar daí muitas conclusões que podem ser úteis para a interpretação e compreensão da própria situação da América Latina e do Brasil, mas não vamos fazer isso hoje porque não dá mais tempo.

Até a semana que vem e muito obrigado.

Transcrição: Evandro Santos de Albuquerque, Gyordano Montenegro Brasilino, Tiago Aurich.  
Revisão: Carla Farinazzi